

O influxo da biologia de Wilhelm Roux na filosofia de Friedrich Nietzsche: a moral como luta interna do organismo

Fabício Fonseca Machado *

Resumo: Este artigo insere-se no debate sobre o influxo da biologia de Wilhelm Roux (1850-1924) na filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900). É lícito afirmar que a noção rouxiana de organismo, enquanto uma luta interna, inspirou fortemente a reflexão nietzschiana acerca dos processos orgânicos. A concepção de vontade de potência, por exemplo, recebeu influência inextinguível do pensamento de Roux. Nesse quadro, o objetivo do presente artigo é elaborar uma discussão acerca da moral como uma luta interna do organismo. Com toda evidência, Nietzsche pretendeu dissolver as fronteiras entre a vida social e psicológica e a realidade fisiológica. Um relevante texto de 1978, de Müller-Lauter, sobre Roux e Nietzsche, será utilizado como aporte teórico para a consecução do intento proposto.

Palavras-chave: Nietzsche, Friedrich; Roux, Wilhelm; biologia; organismo; moral

The influx of Wilhelm Roux's biology on Friedrich Nietzsche's philosophy: the moral as an internal struggle of the organism

Abstract: This paper is inserted into the debate about the influx of the biology of Wilhelm Roux (1850-1924) on Friedrich Nietzsche's philosophy. It is fair to say that the Rouxian notion of organism, as an internal struggle, strongly inspired Nietzschean reflection on organic processes. The conception of will to power, for example, was inexorably influenced by Roux's thinking. In this context, the purpose of this paper is to elaborate a discussion about morals as an internal struggle of the organism. Clearly, Nietzsche intended to dissolve the boundaries between social and psychological life and physiological reality.

* Estudante do mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas/RS; Rua Luís Bauer, 387, Centro, CEP 95560-000, Torres/RS; fabricio-machado@hotmail.com

A relevant 1978 text by Müller-Lauter about Roux and Nietzsche will be used as a theoretical contribution for the achievement of the proposed intent.

Keywords: Nietzsche, Friedrich; Roux, Wilhelm; biology; organism; moral

1 INTRODUÇÃO

Já não é novidade que, em seu percurso intelectual, Friedrich Nietzsche (1844-1900) acercou-se das ciências naturais (*Naturwissenschaften*) para a elaboração de suas reflexões filosóficas. No campo da biologia, em particular, nele avulta a influência de Wilhelm Roux (1850-1924), sobretudo nas questões atinentes aos processos orgânicos. Do biólogo, a saber, reteve fundamentalmente a noção de que o organismo encerra uma luta interna (*innerer Kampf*) entre as suas partes. Tal argumento inspirou a construção da célebre doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*)¹.

Em texto de 1978, editado na Alemanha, Wolfgang Müller-Lauter investe-se da incumbência de examinar com afincio o influxo de Roux no pensamento de Nietzsche. O pressuposto de sua investigação é que “[...] a concepção nietzschiana do organismo como pluralidade de vontade de potência em luta entre si foi preparada a partir de sua leitura de Roux” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 158). Como é sabido, Nietzsche efetuou duas leituras de *Der Kampf der Teile im Organismus* (“A luta das

¹ Seguindo a padronização do *Dicionário Nietzsche* (2016), do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), da USP, adotaremos a tradução de *Wille zur Macht* por “vontade de potência”, e não por “vontade de poder”. Na Apresentação do livro *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*, de Müller-Lauter, traduzido por Oswaldo Giacoia Junior, a responsável pelo GEN-USP, Profa. Scarlett Marton, esclarece em nota de rodapé que “se traduzir *Wille zur Macht* por vontade de potência pode induzir o leitor a alguns equívocos, como o de conferir ao termo ‘potência’ conotação aristotélica, traduzir a expressão por vontade de poder corre o risco de levá-lo a outros, como o de tomar o vocábulo ‘poder’ estritamente no sentido político (e, neste caso, contribuir – sem que seja essa a intenção – para reforçar eventualmente apropriações indevidas do pensamento nietzschiano). Mesmo correndo o risco de fazer má filologia, parece-nos ser possível entender o termo *Wille* enquanto disposição, tendência, impulso e o vocábulo *Macht*, associado ao verbo *machen*, como fazer, produzir, formar, efetuar, criar. Enquanto força eficiente, a vontade de potência é força plástica, criadora. É o impulso de toda força a efetivar-se e, com isso, criar novas configurações em relação com as demais” (Marton, 1997, p. 10-11).

partes no organismo”, uma no ano de sua publicação (1881) e outra em 1883, o que resplandece em seus escritos da época, seja em fragmentos preparatórios, seja em obra publicada.

Assim, propomos neste artigo, primeiramente, realizar uma breve incursão nos principais pontos externados por Müller-Lauter no trabalho aludido, acerca da influência de Roux no ideário de Nietzsche. Depois, tentaremos entabular uma discussão no sentido de que, vide o pensar nietzschiano, se o organismo é uma luta interna, então a própria moral será concebida também como uma luta interna do organismo. A preocupação primordial é, antes do mais, mostrarmos o movimento de transposição de alguns conceitos rouxianos específicos para o âmbito da crítica da moral de Nietzsche.

Para tanto, articularemos o trabalho em três eixos principais, a saber: (1) O finalismo e o mecanicismo: as concepções tradicionais de organismo; (2) O influxo da biologia de Roux na filosofia de Nietzsche: o organismo como uma luta interna; (3) Nietzsche e a moral como luta interna do organismo. Na primeira seção, explicitaremos sumariamente as duas principais abordagens sobre os processos orgânicos: o finalismo e o mecanicismo. Na segunda, trataremos do supracitado artigo de Müller-Lauter, sobre a influência de Roux no pensamento de Nietzsche, a partir do organismo enquanto uma luta interna. Por último, efeturemos uma reflexão sobre a questão da moral como uma luta interna do organismo, bem como suas consequências para a crítica da moralidade nietzschiana.

Se Nietzsche recusava a concepção mecanicista de organismo, incapaz de assimilar a verdadeira qualidade do acontecer, semelhantemente ele também refutava o otimismo típico da concepção finalista, que, à época, imperava na filosofia da natureza alemã. Na esteira de Roux, portanto, o filósofo propôs uma terceira via hermenêutica, concebendo o organismo como uma luta interna, o que culmina com o conceito de vontade de potência. Considerando que, em Nietzsche, existe uma correlação profunda entre fisiologia e cultura, nada mais tempestivo do que empreendermos um estudo no sentido de buscarmos as raízes orgânicas da moralidade.

2 O FINALISMO E O MECANICISMO: AS CONCEPÇÕES TRADICIONAIS DE ORGANISMO

Para adentrarmos na esfera de influência do anatomista Roux na obra de Nietzsche, bem como nas especificidades da concepção nietzschiana de *Organismus*, é preciso antes do mais efetuarmos uma breve caracterização das principais perspectivas científico-filosóficas sobre os processos orgânicos. Nas ciências naturais, com efeito, a investigação dos fenômenos da vida encontra importantes elementos explicativos nas teorias do finalismo e do mecanicismo.

No geral, podemos definir organismo (*organismós*) como o conjunto de estruturas que interagem fisiologicamente para efetivar os processos necessários à vida, ou simplesmente como o conjunto de órgãos que se inter-relacionam para constituir um ser vivo. Em termos mais filosóficos, organismo trata-se de um “ser vivo, considerado sobretudo enquanto composto de partes que podem realizar funções diferentes e coordenadas” (Lalande, 1999, p. 775).

A primeira perspectiva a buscar fundamentação para os processos orgânicos é o finalismo (ou teleologismo)². No finalismo, *lato sensu*, cuida-se da “doutrina que admite a causalidade do fim, no sentido de que o fim é a causa total da organização do mundo e a causa dos acontecimentos isolados” (Abbagnano, 2003, p. 457).

Bem sabemos que a explicação finalista dos fenômenos naturais remonta à tradição metafísica iniciada por Aristóteles e apresenta como representante precípua, hodiernamente, o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Sinônimo de finalismo, o termo teleologia resultou explorado por Kant na *Crítica da faculdade do juízo* ([1790], 1951). Assim, por exemplo, ele dedicou a Segunda parte do livro a tratar da crítica da faculdade de juízo teleológica.

Acerca do empreendimento crítico-transcendental kantiano, tema fulcral, mas adjacente a esta reflexão, precisamos realçar que o livro de

² O finalismo significa também teleologia (de *télos*), termo “criado por Wolff para indicar ‘a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas’” (Abbagnano, 2003, p. 943).

Roux também se afigura como uma relevante crítica ao conceito kantiano de finalidade ou de conformidade a fins (*Zweckmäßigkeit*)³. Em outras palavras, o biólogo alemão refutava a noção de finalidade presente na obra do filósofo de Königsberg, procurando basear-se tão apenas na *empeiria* para a explicação dos fenômenos orgânicos, e não em um esquema transcendental.

De qualquer modo, para as nossas pretensões é mister estabelecermos, tão somente, que o finalismo é um modelo explicativo consoante o qual o mundo é um grande sistema constituído de relações entre meios e fins. Sob tal ponto de vista, a finalidade afigura-se como uma característica imprescindível para a explicação da dinâmica do universo. Existe, portanto, uma causa final a ordenar a multiplicidade fenomênica e a explicar a totalidade do acontecer natural.

Comumente oposta ao finalismo, a segunda perspectiva científico-filosófica a buscar fundamentação para os processos orgânicos é o *meccanicismo*. Cuida-se de um ponto de vista que procura reduzir o orgânico ao mecânico e que, não por acaso, acabou largamente afamado a partir de Descartes, quando o filósofo francês pretendeu elucidar os processos da natureza através da propalada metáfora da máquina.

Conforme a concepção mecanicista, para compreendermos os fenômenos naturais é imperioso analisarmos as relações necessárias de causalidade aferíveis entre os objetos do mundo físico. A regra geral é que o mecanicismo busca compreender os fatos da natureza por meio do aspecto extensivo dos objetos e, simultaneamente, das leis de movimento a eles atinentes. Nesse sentido, a realidade, e por sua vez o organismo, consiste em um conjunto de corpos físicos em movimento e, ademais, submetidos a rigorosas leis de causalidade.

³ Para uma análise minuciosa sobre a oposição entre Kant e Roux, sugerimos a leitura Frezzatti Junior, 2015 sobre as relações entre a filosofia de Nietzsche e a biologia. No referido trabalho, assevera o intérprete que “a independência das partes defendida por Roux faz com que a conformidade a fins esteja presente já nas menores partes e não em um princípio que seja responsável pela unidade do organismo. Além disso, essa conformidade a fins tem um caráter puramente mecânico, isto é, cego, não sendo nem transcendente (no sentido metafísico) nem transcendental (no sentido kantiano)” (Frezzatti Jr., 2015, p. 80).

Em suas análises sobre o organismo, se Nietzsche insurgiu-se contra o finalismo, assim também o procedeu em relação ao mecanicismo. Em uma anotação póstuma de 1884, por exemplo, ele declarou que

Até agora não tiveram êxito as duas explicações da vida orgânica: nem a que parte da mecânica, nem aquela a partir do espírito⁴. Eu acentuo a última. O espírito é mais superficial do que se acredita. O governo do organismo ocorre de um modo, que tanto o mundo mecânico quanto o mundo espiritual podem apenas simbolicamente servir de explicação⁵. (Nietzsche, FP⁶ 26 [68], outono de 1884)⁷

Nas linhas porvindouras, ao analisarmos a concepção nietzschiana de organismo, cuja fonte principal é Roux, estaremos a examinar, também, a crítica de Nietzsche ao finalismo e ao mecanicismo⁸, enquanto dois paradigmas de explicação da vida e dos processos orgânicos.

⁴ A palavra “espírito”, em Nietzsche, não se relaciona a uma suposta alma racional ou intelecto, significado que predominou na filosofia moderna e contemporânea, tampouco a uma substância incorpórea, como anjos, demônios ou a alma dos mortos. Contrariamente, refere-se a uma “[...] disposição ou atitude, como nas célebres expressões de Pascal ‘Espírito da geometria’ e ‘Espírito de finura’ e em expressões correntes como ‘Espírito religioso’, ‘Espírito esportivo’” (Abbagnano, 2003, p. 354). Como veremos, Nietzsche também utilizava a expressão “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), que, consoante Eduard Spranger, em sua obra *Lebensformen* (1914), significa “[...] a disciplina que cuida das formações ultrapessoais ou coletivas da vida histórica” (*ibid.*, p. 355). Ademais, é preciso referirmo-nos à expressão nietzschiana “espírito livre” (*freier Geist*), aquele que é a exceção de seu tempo, que cria seus próprios valores para superar o niilismo. Igualmente, em *Zarathustra* também há a emblemática figura do espírito de peso (*Geist der Schwere*), legítimo *décadent*, aquele para quem a vida é um pesado fardo a ser carregado.

⁵ Salvo esta citação, traduzida por Araldi (2007, p. 42), tomaremos como base, apesar de algumas imperfeições, os fragmentos póstumos vertidos para o português por Marco Casanova, optando pela palavra *potência* em vez de *poder*. Quanto aos apontamentos anteriores a 1884, a tradução é de nossa responsabilidade.

⁶ Utilizaremos a sigla FP para nos referir aos Fragmentos Póstumos de Nietzsche, seguidos do ano em que foram escritos.

⁷ Nas citações do filósofo, seguiremos as normas da revista.

⁸ Conquanto esteja em nossos desígnios, neste espaço, dedicarmo-nos tão somente ao influxo da biologia de Roux na filosofia de Nietzsche, especialmente no âmbito da moral, é significativo ponderarmos que o filósofo do *Zarathustra* também dissonava do embriologista em alguns aspectos significativos. Como veremos na quarta seção, em

3 O INFLUXO DA BIOLOGIA DE ROUX NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE: O ORGANISMO COMO UMA LUTA INTERNA

Em *O organismo como uma luta interna: a influência de Wilhelm Roux em Friedrich Nietzsche* ([1978] 1992)⁹, Müller-Lauter discorre sobre a influência de Roux, proponente da mecânica do desenvolvimento (*Entwicklungsmechanik*), na formação da concepção nietzschiana de organismo enquanto uma luta interna. Dividido em cinco partes, tal escrito é parada obrigatória para os estudiosos de Nietzsche, mormente para aqueles que se dedicam à correlação entre fisiologia e cultura.

Na primeira seção, Müller-Lauter introduz a temática partindo da consideração de que Darwin superestimou a influência das circunstâncias externas na configuração dos órgãos. Contrariamente, Nietzsche, em suas reflexões, acentuava que a estruturação dos processos vitais do organismo sucede “de dentro”, internamente¹⁰. Em sua descrição dos processos orgânicos, o filósofo de Sils-Maria haure sua fonte, sobretudo, na obra de Roux *Der Kampf der Teile im Organismus* (“A luta das partes no organismo: uma contribuição para a conclusão da doutrina do finalismo mecanicista”) publicada em 1881¹¹.

geral a crítica de Nietzsche pairava justamente sobre os aspectos linguísticos ou epistemológicos do mecanicismo de Roux, incapaz de alcançar conceitualmente a doutrina da vontade de potência. Vendo mais de perto, por exemplo, Nietzsche aparta-se da teoria de Roux até mesmo em relação ao próprio conceito de luta. Para o filósofo, na verdade, a luta é algo incessante e consiste na própria qualidade básica do acontecer: ela não se inicia em nível molecular. Além disso, como veremos adiante, para Nietzsche o organismo não se desenvolve por uma excitação funcional, mas através da superação de resistências, da dominação, da expansão de potência.

⁹ No original: *Der Organismus als innerer Kampf: der Einfluß von Wilhelm Roux auf Friedrich Nietzsche*, publicado na Alemanha na *Nietzsche-Studien* 7 (1978), 189-235. Os trechos aqui citados, por nós traduzidos, advêm da versão italiana *L'organismo come lotta interna: l'influsso di Wilhelm Roux su Friedrich Nietzsche*. Ressaltamos que, até agora, esse importante trabalho ainda não apresenta tradução para o português.

¹⁰ Por exemplo, nesta passagem: “[...] o essencial no processo vital é [...] a violência enormemente configuradora, criadora de formas, a partir do interior, que *utiliza, explora* as ‘circunstâncias exteriores’ ...” (Nietzsche, FP 7 [25], final de 1886-primavera de 1887).

¹¹ O título completo em alemão: *Der Kampf der Theile im Organismus: ein Beitrag zur Vervollständigung der mechanischen Zweckmässigkeitslehre*.

Na segunda seção, a partir de *Aurora* (Nietzsche, [1881], 2016) e apontamentos póstumos de 1880 e 1881, o comentador empenha-se em mostrar o fio condutor da argumentação nietzschiana em favor do caráter desconhecido da esfera interna dos indivíduos. Assim, depreende de Nietzsche que, no interior dos sujeitos,

[...] hábitos inconscientes, fatores corporais imprevisíveis, sentimentos que dificilmente nutrem os outros, afetos que aparecem repentinamente, tudo isso e mais interagem; para nós, no entanto, esse conflito permanece oculto. (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 161)

Tal constatação traz significativas consequências para o pensamento de Nietzsche, pois coloca tanto a cultura como a moral em relação direta com os processos orgânicos. Ademais, as funções fisiológicas também são em seu íntimo inacessíveis à ciência, que apenas se aproxima das particularidades da natureza, mediante uma simbologia, todavia sem apreendê-las. As leituras de Roux, além de aplicações antropológicas, suscitaram em Nietzsche também uma nova concepção filosófica de organismo.

Na terceira seção, Müller-Lauter dedica-se mais agudamente à análise das teses de Roux (1881). O biólogo tenciona complementar a teoria da evolução de Darwin e Wallace, vez que o princípio da seleção natural não teria validade para elucidar os finalismos internos mais sofisticados dos organismos animais. Além disso, Roux retoma o conceito darwiniano de luta, concebendo-a como um processo mecânico, exemplificado através da luta das unidades orgânicas mínimas.

Na esteira de Roux, Nietzsche endossa que a luta interna do organismo concerne a algo que extrapola o puro caráter da seleção. É também com base no anatomista que ele desenvolve sua concepção filosófica de organismo, mediante conceitos como supercompensação do consumo e autorregulação¹². Müller-Lauter enfatiza ainda a problemá-

¹² Salienta Wolfgang Müller-Lauter que para “supercompensação do consumo” (*Überkompensation des Verbrauchten*) Nietzsche utilizava a expressão “rotatividade superabundante”. Igualmente, para o mecanismo da “autorregulação” (*Selbstregulierung*), usava o termo *Selbstregulierung*.

tica rouxiana do efeito dos estímulos (*Reizwirkungen*), já que estes afetam a luta das partes em um sentido externo¹³. No final do excerto, o comentador enaltece novamente as sucessivas tentativas de Nietzsche de transpor os fatos fisiológicos para a esfera da moralidade.

Na quarta parte, Müller-Lauter desenvolve sua análise a partir de 1884, quando Nietzsche se interessou por Roux sob outro ponto de vista. O filósofo do martelo, a esta altura, procurou examinar a insuficiência das descrições finalista e mecanicista para a perquirição da temática do organismo, acenando para a possibilidade de instauração de uma terceira via interpretativa. Doravante, a quarta seção concentra-se na explicação da perspectiva nietzschiana de organismo.

Nietzsche elabora uma compreensão bastante peculiar sobre a problemática da autorregulação, onde encontrou uma “capacidade de dominar uma comunidade”, pressuposto que não pode ser fundado nem mecânica e nem teleologicamente” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 181). A questão é que essa capacidade de dominar não se satisfaz com uma explicação mecanicista, porquanto, ao conceito de dominação, é necessário acrescentarmos uma noção complementar: a noção de comando. Nos anos seguintes, Nietzsche estruturou ainda mais refinadamente seu entendimento de comando, mormente ao concebê-lo enquanto vontade¹⁴.

¹³ “[...] principalmente de forma trófica, isto é, aumentando a alimentação, mas também na diferenciação e na estruturação. Roux distingue dois períodos na vida de todas as partes: no primeiro, as partes se desenvolvem, diferenciam e crescem em si mesmas; no segundo, o crescimento ocorre, em alguns casos, até a substituição completa do que foi consumido, apenas sob o efeito dos estímulos. Dessa maneira, em alguns casos pode ser criada uma dependência completa dos processos vitais em relação ao estímulo: nesses casos, Roux fala de um ‘estímulo vital necessário’. Mas tal dependência não elimina a auto-estruturação das partes. É significativo que Nietzsche ressalte particularmente esse aspecto, transferindo-o para o relacionamento do homem com o seu ambiente” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 174).

¹⁴ Conforme a seguinte associação: “Vontade – um comandar” (Nietzsche, FP 25 [389], primavera de 1884). Müller-Lauter explica: “A vontade como comando é caracterizada como: ‘tensa, clara, objetivando uma coisa, convicção íntima de superioridade, certeza de que alguém obedece’. Nietzsche fala do ‘sentimento de superioridade daqueles que comandam em relação àqueles que obedecem’. A experiência da ‘liberdade da vontade’ aparece na sensação: ‘*Eu* sou livre e *ele* deve obedecer’. Com a dependência dos que obedecem aos que comandam se explica a ‘hierarquia de órgãos e instintos’, a ‘diferença entre as funções superiores e inferiores’” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 182).

Até mesmo nos processos orgânicos mais simples, de acordo com Nietzsche, existem relações de mando e obediência, hierarquias derivadas dos mais variados tipos de luta. Nas diversas explosões de energia, a vontade orgânica tenciona expandir seu poder, “tornar-se mais forte”, o que somente pode suceder através da luta contra aquilo que resiste. Roux concebeu a dominação e a luta interna enquanto meras ocorrências causais-mecânicas, podendo calculá-las, mas, conforme Nietzsche, não sendo capaz de entendê-las.

Ainda na quarta parte, Müller-Lauter reforça a temática da transposição das explicações orgânicas e micro-orgânicas para o âmbito psicofisiológico dos sujeitos e, inclusive, para sistemas e organismos maiores. Na linguagem dos afetos, “sentir e pensar sempre fazem parte do afeto do comando, da vontade concreta” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 189). Nesse sentido, afirma Nietzsche que “pressupõe-se aqui que todo o organismo pensa, que todos os construtos orgânicos têm partes, que isto se dá junto ao pensar, ao sentir, ao querer [...]” (Nietzsche, FP 27 [19], verão-outono de 1884).

Por fim, na derradeira seção Müller-Lauter debruça-se sobre a concepção nietzschiana de globalidade corporal, tomada enquanto configuração de domínio, desde apontamentos póstumos de 1881. A ideia de dominação apresenta-se como uma das formulações mais significativas do pensamento de Nietzsche, porque adstrita à ideia de sentimento de potência e, conseqüentemente, também à doutrina da vontade de potência.

Ainda nessa discussão, na sequência vem à estampa o problema do elemento centralizador. Ora,

Se em 1881 Nietzsche havia retomado o argumento de Roux a respeito da imperfeição da centralização no organismo para argumentar contra a tese de uma razão presumida regulada por um mecanismo central, em 1885 ele enfatizou a perfeição decorrente da mudança dos centros dominantes. (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 192-193)

Subjacente a tal afirmação, na verdade, encontra-se uma importante controvérsia acerca da possível existência de um elemento centralizador a regular a globalidade corporal. Nesse debate, como no resto, Nietzsche procura desvencilhar-se das visões teleológica e mecanicista do organismo, malgrado não consiga, muitas vezes, desprender-se do aparato linguístico-categorial a elas inerente. Assim, chega a dizer que:

[...] a obediência mil vezes multifacetada [...] não é nenhuma obediência cega, nem muito menos uma obediência mecânica, mas uma obediência seletiva, inteligente, cheia de considerações, ela mesma resistente [...]. (Nietzsche, FP 37 [4], junho-julho de 1885)

É preciso sublinharmos que, assim como Roux, Nietzsche considera que os processos seletivos sucedem enquanto lutas internas do organismo. Posto que as partes orgânicas são concebidas como vontade de potência, então nada pode determiná-las a partir de fora. Quer dizer,

Comparado a Darwin, Roux enfatizou a luta interna, mas, como a análise em termos casuais-mecânicos, ele também permanece “fora”. A força estruturadora ativa de dentro e seus modos de ação permanecem ocultos dela. (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 195)

Procuramos, portanto, elencar os principais aspectos exteriorizados por Müller-Lauter ([1978], 1992) É imperioso restar patente que, para o autor de *Zarathustra*, existe uma relação inexorável entre os processos fisiológicos humanos e a esfera da moralidade. E se, por vezes, Nietzsche reformulou suas posições sobre certos aspectos das ciências naturais, “[...] o fato de todo o existente revelar caráter organizacional, e com isso uma ordem marcada pela dominação, [...] permaneceu para ele fora de questão até o final de sua atividade” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 197).

4 NIETZSCHE E A MORAL COMO LUTA INTERNA DO ORGANISMO

No estertor de seu período intermediário, começou a consolidar-se no *corpus* nietzschiano a ideia de um embate no interior dos indivíduos. Para dar conta da complexidade dos processos orgânicos, Nietzsche considerava insuficientes as explicações mecanicista e teleológica. Não existe, respectivamente, nem um conjunto de leis causais a reger os corpos físicos e tampouco uma inteligência ordenadora, independente do mundo, a determinar a realidade concreta. Assim, “[...] os fragmentos póstumos de 1881 propõem reler todos os processos orgânicos como relações pulsionais entre os seres vivos [...]” (Salanskis, 2016, p.

330). Sob o influxo, portanto, da biologia de Roux¹⁵, Nietzsche desenvolveu uma forma genuína de interpretar o organismo¹⁶.

Em 1881, Roux partiu da seleção natural darwiniana para descrever as relações entre as células e o desenvolvimento de órgãos em embriões, publicando seus resultados no clássico Roux, 1881. Utilizando-se de noções como luta entre as células, desigualdade e hierarquia celulares, ele sustenta que a formação do organismo é o “[...] resultado direto da luta entre as suas partes constituintes: moléculas, células, tecidos e órgãos” (Frezzatti Jr., 2003, p. 455).

Leitor acurado de Roux, Nietzsche concebia o organismo enquanto uma multiplicidade de impulsos e instintos que lutam entre si incessantemente. Mesmo nos processos orgânicos mais simples, microscópicos, produzem-se lutas hierarquizadas através de relações de domínio. Assim, afirmava o filósofo que:

[...] todo acontecimento do mundo orgânico é um subjugar e assenhorear-se, e todo *subjugar* e *assenhorear-se* é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o “sentido” e a “finalidade” anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados. (Nietzsche [1887], 2009, II, p. 12)

Num apontamento póstumo de 1888, Nietzsche foi lapidar: “[...] o que o homem quer, o que cada parte mínima de um organismo vivo quer, é um mais de potência¹⁷” (Nietzsche, FP 14 [174], começo do ano de 1888).

¹⁵ Das ciências naturais, Nietzsche recebeu inúmeras influências, não apenas de Roux. Entretanto, buscamos descavar aqui apenas a relação Roux-Nietzsche, na temática dos processos orgânicos e da moral enquanto luta interna do organismo.

¹⁶ Consoante depreendemos da edição crítica de Colli e Montinari, em 1868 o jovem filólogo redigiu um conjunto de apontamentos (Nietzsche, FP 62 [3] a 62 [57]) que pretendia desenvolver como *Doktordissertation*. Embora no FP 62 [6], 1868, o objetivo fosse intitular o trabalho de *Die Teleologie seit Kant*, em carta a Deussen, Nietzsche afirmou que, na verdade, pretendia estudar o conceito de orgânico desde Kant (*Der Begriff des Organischen seit Kant*). Tais projetos ficaram inacabados, mas podemos perceber que a problemática do organismo e da teleologia sempre ocuparam o pensamento de Nietzsche.

¹⁷ Na tradução de Casanova consta a palavra “poder”, aqui adaptada para mantermos a congruência.

Em *Zaratustra*, Nietzsche já subsumia seu conceito de organismo ao conceito de vontade de potência: “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de potência¹⁸” (Nietzsche, [1883] 2011, Livro II). Numa anotação da mesma época, declarou: “As funções orgânicas retraduzidas na vontade fundamental, na vontade de potência¹⁹ – e cindida a partir dela” (Nietzsche, FP 35 [15], maio-julho de 1885). Conforme Vânia Dutra Azeredo, “a partir da introdução do conceito de vontade de potência, a luta passa a ter um caráter mais abrangente [...] entendida como traço da vida” (Azeredo, 2016 a, p. 293).

A vontade de potência, em suma, consiste no entendimento segundo o qual a realidade é um complexo de forças, em intensa e dinâmica disputa, sempre inconclusa, forças que pleiteiam o poder para elevar-se, intensificarem-se. Tratando-se, a princípio, de um conceito meramente orgânico, mais tarde passou a referir-se a tudo o que existe: “o mundo [...] seria justamente ‘vontade de potência²⁰’, e nada mais” (Nietzsche, [1885-1886], 1992, p. 36).

Ora, se para Nietzsche o mundo é vontade de potência, e nada mais, então a própria moral, enquanto elemento do mundo, deverá estar relacionada à vontade de potência. Consoante Azeredo, “o termo moral, nos textos de Nietzsche, aplica-se, ao mesmo tempo, ao âmbito fisiológico e social, à regulamentação vigente entre as ínfimas partes que compõem o organismo e à hierarquia [...] entre os homens” (Azeredo, 2016b, p. 309). Isso significa dizer que a um certo tipo de moral corresponde uma hierarquia pulsional: “Os estados morais são entendidos [...]”, prossegue a intérprete, como “[...] estados de perspectivas fisiológicas” (*ibid.*).

Conforme temos externado, é precisamente nesse sentido que a moral pode ser entendida como uma luta interna do organismo. Ou seja, a luta interior, entre as partes do organismo, ocasiona uma certa hierarquia pulsional, fisiológica, que, por sua vez, corresponderá a um determinado tipo de moral. O arranjo das forças orgânicas, vale dizer, a vontade de potência, será em Nietzsche o parâmetro genuíno para a reflexão acerca dos valores morais.

¹⁸ No original, Paulo César de Souza utiliza o termo vontade de *poder*.

¹⁹ Igualmente, aqui a expressão é vontade de *poder*.

²⁰ Novamente, o tradutor utiliza “poder”.

Conceito seminal, uma das funções precípuas da vontade de potência, na urdidura nietzschiana, além de desvelar os fenômenos biológicos, é servir “[...] como parâmetro para a análise dos fenômenos psicológicos e sociais; [...] elo entre as reflexões pertinentes às ciências da natureza e as que concernem às ciências do espírito” (Marton, 2010, p. 50). Para a comentadora, a vontade de potência consubstancia-se com a teoria das forças de maneira a formar o cerne de uma cosmologia não metafísica. Trata-se, além disso, de uma cosmologia que “[...] passa a servir de base para a reflexão sobre os valores e, sobretudo, os valores morais” (*ibid.*, p. 17).

Concernente ao emprego, por Nietzsche, das ciências da natureza para a reflexão sobre as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), em particular sobre o organismo, urge reportarmo-nos ao artigo “Organismo e arte na filosofia de Nietzsche” (2007)²¹, de Araldi. No texto em tela, o intérprete respalda-se no pensamento do jovem Nietzsche para reconstruir as relações entre organismo e arte, visando a uma superação dos pressupostos da metafísica tradicional e do mecanicismo moderno. Contrapondo o modelo de organismo do filósofo da Basileia com os arquétipos de Espinosa e Kant, o comentador conclui que “a formação de organismos, a saber, a organização de unidades de relativa duração e estabilidade, expressa para Nietzsche o caráter artístico de todo acontecer” (Araldi, 2007, p. 46).

A problemática que, no escopo deste artigo, nos propomos delimitar, pertence justamente a esse campo de discussão, no qual Nietzsche planejava trespassar a realidade físico-orgânica para a realidade psicológica e social. Em última instância, o que ele pretendia era dissolver os limites entre biologia e cultura²², diluir as fronteiras entre as ciências da natureza e as ciências do espírito²³. Na história da filosofia, é notória

²¹ Recordemos que, em seus projetos, Nietzsche pretendia desenvolver uma *fisiologia da arte*. Ou seja, mais uma constatação da influência da fisiologia em seu experimento filosófico, nesse caso no âmbito artístico.

²² É a tese de Frezzatti Jr. em *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*: “[...] gostaríamos de propor uma terceira possibilidade de entendimento da relação entre cultura e biologia na filosofia nietzschiana: a dissolução dos limites entre o cultural e o biológico” (Frezzatti Jr., 2006, p. 31).

²³ Conforme Marton (2010, p. 31), “o filósofo espera encontrar o ponto de ligação entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*)”.

a pertinência de Nietzsche de lançar mão da biologia para desenvolver suas reflexões a respeito dos problemas morais. Em 1880, o filósofo do espírito livre já evidenciava que “[...] não apenas a ‘moral’ está a serviço das funções fisiológicas” (Nietzsche, FP 2 [55], primavera de 1880).

O ponto a que tencionamos chegar é que, se o organismo, com esteio em Roux, pode ser entendido como uma luta interna e, ao mesmo tempo, se Nietzsche procurava, principalmente a partir do *Zarathustra*, “[...] estabelecer uma relação clara entre o que acredita ocorrer no nível psicológico e social e no nível fisiológico” (Marton, 2010, p. 72), a consequência disso é que a moral também poderá ser compreendida enquanto uma luta interna do organismo. Contudo, o problema suscitado por ele é que, na seara orgânica, trava-se uma luta pulsional que é *estranha* ao próprio homem:

Os atos não são jamais aquilo que nos parecem ser! Despendemos tantos esforços para aprender que as coisas exteriores não são como nos parecem ser – pois bem! dá-se o mesmo com o mundo interior! (Nietzsche [1880-1881], 2011, p. 116)

Na esfera orgânica, múltiplos impulsos digladiam-se ininterruptamente de modo a impingir supremacia uns sobre os outros. O corpo, destarte, é um legítimo campo de batalha, onde elementos instintivos lutam entre si buscando extravasar, dominar, sobrepujar-se:

[...] todo esse fenômeno “corpo” é medido segundo o critério intelectual, tão superior à nossa consciência, ao nosso espírito, ao nosso pensamento consciente, ao nosso sentir e querer [...]. (Nietzsche, FP 37 [4], junho-julho de 1885)²⁴

Nietzsche, em vários ensejos, queria chamar atenção pontualmente para o fato de que, para o homem, o conteúdo exato dessa guerra interna é incognoscível. Dispomos de um mundo interior incompreensível por nós mesmos, muito além de nossas possibilidades epistemológicas e discursivas.

Nesse diapasão, se a moral, como assentamos, pode ser compreendida enquanto uma luta interna do organismo, porém um conflito inacessível, disso resulta que ela própria será também por nós inatingível.

²⁴ O próprio título do fragmento já é bastante sugestivo: “Moral e fisiologia”.

A esse respeito, em *Aurora* Nietzsche enfatizou que “[...] nossos juízos e valorações morais são apenas imagens e fantasias sobre um processo fisiológico de nós desconhecido [...]”. (Nietzsche, [1881], 2016, p. 119). Claro está que, com isso, o pensador ambicionava solapar a moral da tradição, eivada de metafísica, de razão, de vontade de verdade. Nietzsche, na realidade, pretendia mostrar a inviabilidade mesma da moral, procurando ultrapassá-la através da construção de um novo tipo de homem, capaz de efetivar a superação do niilismo²⁵.

Ademais, faz-se necessário enfocarmos no conteúdo da crítica de Nietzsche às explicações mecânica e finalista de organismo. O paradigma mecanicista “[...] não leva em consideração os fatores espirituais, que parecem constituir a essência do orgânico” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 177). Em anotação de 1884, Nietzsche ressaltou que “todas as nossas leis mecânicas são a partir de nós, não a partir das coisas! Nós construímos segundo elas as ‘coisas’” (Nietzsche, FP 25 [427], primavera de 1884). Nesse ponto, ele se distanciou igualmente de Roux, muito atrelado ainda, à descrição da luta interna do organismo, a um aparato conceitual causal-mecânico. Consoante o pensar nietzschiano, “[...] a teoria mecanicista pode descrever esses processos para poder calculá-los, mas uma explicação que leva a um entendimento está além de suas possibilidades” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 184).

De outra parte, o autor do *Zarathustra* enceta suas críticas também ao modelo teleológico. Evidentemente, o “elemento espiritual”, mencionado por ele, não se refere a um princípio finalista, já que não há “[...] nenhuma ‘causa’ final. Mesmo nas ações humanas, a intenção não

²⁵ Tal como em outras temáticas nietzschianas, aqui apenas tangenciadas, defrontarmos diretamente com a questão do niilismo é uma estratégia que, supomos, extrapola o objetivo a princípio estipulado. Ainda assim, é importante mencionarmos que Nietzsche não redigiu uma obra específica sobre o assunto, referindo-se ao niilismo, esparsamente, por exemplo, como o “grande nojo” ([1887], 2009, II, p. 24), como a “lógica da decadência” (Nietzsche, FP 14 [86], 1888) ou, sobretudo, como o “fato de que os valores supremos se desvalorizaram” (FP 9 [35], outono-1887). Para uma investigação mais acurada sobre as inter-relações entre moral, niilismo e tipos humanos, recomendamos fortemente a obra *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos* (2004), de Clademir Araldi. Nela, o comentador posiciona o niilismo como “a questão *mais* radical da filosofia nietzschiana” (Araldi, 2004, p. 444) e efetua uma incursão nos extremos de Nietzsche (niilismo e sua superação) a partir dos tipos mais emblemáticos de cada período da obra do filósofo: o artista trágico, o espírito livre e o além-do-homem (*Übermensch*).

explica absolutamente a ação” (Nietzsche, FP 25 [96], primavera de 1884). E prosseguiu, peremptório, no mesmo fragmento: “a ‘intenção’ não toca na essência da ação, conseqüentemente o juízo *moral* das ações segundo as *intenções* é falso” (*ibid.*). Dizer isso significa argumentar pelo esboroamento das éticas finalistas ou teleológicas.

Ora, a ideia de um “eu”, livre e consciente, que determina a vontade, com vistas à ação, não passava de uma ilusão metafísica para Nietzsche: “minha sentença é: que a vontade é uma generalização injustificada da psicologia até aqui, que não há de maneira alguma essa vontade [...]” (Nietzsche, FP 14 [121], começo do ano de 1888). A vontade não se trata de uma faculdade humana, como a imaginação, o entendimento etc. De notarmos, todavia, que tal concepção psicológica da vontade enraizou-se profundamente na tradição da filosofia moral.

Em *A gaia ciência*, Nietzsche já refletia sobre isso, advertindo que o nosso pensamento, em última análise, “[...] corresponde a um processo e uma luta entre impulsos que, tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos; habitualmente experimentamos apenas o resultado da luta [...]” (Nietzsche, [1881-1882, 1886], 2012, p.111). Além do mais, a consciência seria o desdobramento derradeiro do orgânico e²⁶, justamente por isso, “[...] também o que nele é mais inacabado e menos forte. Do estado consciente vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário [...]” (*ibid.*, p. 11).

De tudo quanto foi dito, cumpre-nos guardar, primeiramente, o influxo decisivo da biologia de Roux na filosofia de Nietzsche, sobretudo a partir da noção de que o organismo é um embate constante entre as suas partes constitutivas. Desde o mais ínfimo elemento celular, passando por tecidos, órgãos, sistemas, todos se enfrentam, ininterruptamente, em busca de domínio e potência. Estamos face a uma ambiência extremamente complexa, traduzida em instintos e impulsos, e cuja condição factual escapa a qualquer possibilidade de compreensão pelo homem.

²⁶ Araldi assevera que, para Nietzsche, “a obra de arte não possui forma e estrutura diferentes das de um organismo. [...] Se tomarmos o organismo humano, é o instinto, e não a consciência, a força que regula e mantém a sua coesão” (Araldi, 2007, p. 44).

Por último, resta-nos sobrelevar que, para Nietzsche, essa constatação traz consequências inexoráveis para o campo da moralidade. Quer dizer, se somos incapazes de apreender a realidade orgânica em seus pormenores, assim também o seremos em relação aos juízos e valores morais. É preciso restar cristalino que, para o filósofo alemão, o agir não decorre do querer: o indivíduo não é a causa da ação, porém seu efeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expressamos, uma das chaves para a compreensão da crítica da moral nietzschiana é que, o fundamento da moralidade, usualmente, e de maneira enviesada, repousa no caráter ignoto da instância interna dos sujeitos. Por conseguinte, isso coloca em suspeição a pretensa universalidade da moral, sua própria viabilidade, pois “[...] é preciso conceber todos os movimentos, todos os ‘fenômenos’, todas as ‘leis’ apenas como sintomas de um acontecimento interior [...]” (Nietzsche, FP 36 [31], junho-julho de 1885).

Ao encetarmos a reconstituição da proveniência orgânica dos problemas morais, a partir de Roux, parece que se descortina ante nós a imprescindibilidade da biologia para o movimento estruturador do pensamento nietzschiano. Sem dúvida, não podemos passar ao largo da influência dos estudos científicos em suas produções, mesmo que, entre os comentadores, ainda persistam controvérsias em torno de alguns pontos específicos. O que se mostra incontestado, contudo, é que, pela investigação dos processos fisiológicos, Nietzsche esforçou-se sobremaneira para levar a efeito um de seus principais estandartes: a superação da interpretação moral da existência.

Nossa empreitada consistiu, portanto, em nos debruçarmos sobre alguns aspectos significativos esposados por Müller-Lauter em seu importante texto sobre a influência de Roux no pensamento de Nietzsche. Não há dúvida de que a questão rouxiana do organismo, enquanto uma luta interna, impactou profundamente a concepção nietzschiana de vontade de potência. De posse desses dados, tentamos prosperar no sentido de erigir uma reflexão sobre a correlação entre os processos orgânicos e os estados morais.

Ao contrário de muitos filósofos, Nietzsche enaltecia seguidamente as questões relativas ao corpo: a saúde, a nutrição, o clima, a temperatura. Na psicofisiologia humana, buscava encontrar soluções para as difíceis celeumas especulativas procedentes da esfera axiológica. Em anotação de 1883, já advertia tacitamente sobre a correspondência entre organismo e moral:

Modificação dos caracteres. Procriar em vez de moralizar. Trabalhar diretamente no organismo em vez de indiretamente com educação ética. Outra corporalidade *criará* outra alma e outros costumes por si só [...]. (Nietzsche, FP 7 [97], primavera-verão de 1883)

A moralização da vida, para ele, significa o desprezo pelos instintos orgânicos, pela corporalidade, pela saúde, pela psicologia, quer dizer, o caminho incontornável para a deflagração da *décadence*. Em via oposta, Nietzsche almejava “[...] trazer de volta a interação de muitas entidades vivas dentro do organismo à espontaneidade original desses governantes [...]” (Müller-Lauter [1978], 1992, p. 193). Dito mais exatamente: é imperioso colocarmos a fisiologia em favor do homem e, em vez de obliterar a vida, engendramos novos valores com o supremo propósito de tentar afirmá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARALDI, Clademir. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.
- . Organismo e arte na filosofia de Nietzsche. *Philosophica*, 29: 35-47, 2007.
- AZEREDO, Vânia Dutra de. Luta. Pp. 292-294, in MARTON, Scarlett Zerbetto (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (a).
- . Moral. Pp. 309-311, in MARTON, Scarlett Zerbetto (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (b). p. 309-311.
- FREZZATTI JR, Wilson Antonio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Unijuí, 2006.

- . *Zweckmässigkeit* (conformidade a fins) e mecanicismo nos processos vitais: o antagonismo entre Kant e Roux. Pp. 44-82, in FERRER, Diogo; UTTEICH, Luciano (coords.). *Filosofia transcendental e a sua crítica: idealismo, fenomenologia, hermenêutica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.
- . Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX. *Scientia Studia*, 1 (4): 435-461, 2003.
- KANT, Immanuel. *Critique of judgement*. [1790]. Trad. J. H. Bernard. New York: Hafner Publishing, 1951.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3 ed. Trad. Fátima Sá Correia, Maria Emília V. Aguiar, José Eduardo Torres, Maria Gorete de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MARTON, Scarlett. Apresentação. Pp. 7-48, in MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume, 1997.
- . *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume, 1997.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. L'organismo come lotta interna: l'influsso di Wilhelm Roux su Friedrich Nietzsche [1978]. Pp. p. 153-200, in VENTURELLI, Aldo; CAMPIONI, Giuliano (eds.). *La "biblioteca ideale" di Nietzsche*. Napoli: Guida, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. [1882]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- . *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. [1885-1886]. Trad. Paulo César de Souza: São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- . *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. [1883, 1884, 1885]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- . *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. [1881]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- . *Fragments póstumos: 1884-1885*. Vol. 5. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- . *Fragments póstumos: 1885-1887*. Vol. 6. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

- . *Fragmentos póstumos*: 1887-1889. Vol. 7. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- . *Genealogia da moral*: uma polêmica. [1887]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- . *Sämtliche Werke*: Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 1.5 Bände.
- . *Werke*: Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1995.
- ROUX, Wilhelm. *Der Kampf der Teile im Organismus*. Leipzig: Engelmann, 1881.
- SALANSKIS, Emmanuel. Organismo. Pp. 330-332, in MARTON, Scarlett Zerbetto (ed.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

Data de submissão: 29/12/2019

Aprovado para publicação: 17/02/2020